



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda São Pedro do Rochedo

código
AIII-F26-Val

localização
Rodovia RJ-137 (trecho: Conservatória - Santa Isabel do Rio Preto)

município
Valença

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
agropecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda São Pedro do Rochedo, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid – jun 2009**
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Seguindo pela rodovia RJ-137, entre Conservatória e Santa Isabel do Rio Preto (6° e 3° distritos de Valença, respectivamente), percorre-se 4,5 km em estrada de terra, até o lugarejo de Pedro Carlos e, deste, mais 6,5 km através de uma estrada municipal, com leito em terra e trechos muito danificados pelas águas das chuvas, alcançando-se a sede da fazenda.

Da estrada, com declive íngreme, pode-se ver ao longe, entre o arvoredo, o casarão (f01 e f02). O caminho de chegada à fazenda é composto por pedras de variados tamanhos, material abundante proveniente dos morros da região. A entrada da fazenda dá-se sobre o Rio dos Rochedos – que corre encachoeirado, com mesmo nome (f03) – através de uma robusta ponte que tem estrutura em blocos de pedra talhada e guarda-corpo com mureta de alvenaria em pedra insossa. O portão improvisado abre-se para um descampado coberto de mato ralo, marcado pela trilha de passagem (f04 e f05).

Uma pequena lavoura de café preenche uma área frontal da casa e frondosas árvores de paineira, castanheira e corticeira delimitam a entrada, com várias frutíferas distribuídas pelo terreno, como mangueira, jabuticabeira, ameixeira, goiabeira, cajueiro e sapotizeiro. Pelo lado esquerdo, um rancho com paredes em alvenaria sem emboço e cobertura de amianto, serve de depósito e oficina, tendo sido construído sobre o antigo armazém, do qual restaram as escadas e o piso em lajeado de pedra (f06).



Fazenda São Pedro do Rochedo, s.a., s.d.
(acervo Catarina Du Rocher de Paiva).

01



02



03



04



05



06

A murada de arrimo perpendicular à casa – e contígua à fachada lateral direita – é interrompida pelo caminho que leva ao porão (f07), sendo margeada, à direita, por plantações de cana e por outro extenso e sólido arrimo de pedra. Este delimita um grande desnível, a partir do qual desenvolve-se uma lavoura de café misturando-se ao capoeirão, sob a imensa copa de uma centenária árvore de sapucaia (f08). A seguir o caminho se bifurca, uma parte indo para a grande baixada composta por matas e cachoeiras, com encostas e pontes de pedra, e a outra direcionando-se para um morrote, onde estão as edificações da pecuária de leite, o curral de retiro e o curral velho, situados nos fundos da casa, junto a um farto pomar com pés de jaca, graviola, abacate, ameixa, banana, pêssego e lima-da-pérsia.

A tradição oral relata que o casarão estendia-se até ao curral, que configurava o espaço da antiga cozinha, permanecendo indícios do piso e das calhas em pedra lavrada (f09) entre estas duas construções remanescentes. Do outro lado do atual “L” invertido, junto à capela, a construção continuava, como tulha, dando ao casarão o formato de um “U”.

A paisagem no entorno da fazenda é composta de elevações cobertas por pastos e vegetação rala, apresentando, inclusive, uma comprometedor erosão, com a formação de voçorocas no morro aos fundos do casarão, que se acha situado junto à encosta (f10).



07



08



09



10

A fachada lateral volta-se para um vale e, na extensa baixada coberta pelo mato, encontram-se os remanescentes dos antigos terreiros de secagem de café, com piso aplainado e revestido por pedriscos (f11). Todas as encostas atualmente cobertas pelo matagal são arrimadas com muros de pedra de diferentes alturas e as pontes, galerias, canaletas e os tanques para lavagem do café, são verdadeiras obras de arte em cantaria de pedra seca (f12 a f14).



11



12



14



13



15

A fachada principal caracteriza-se pela justaposição de dois blocos geminados, evidenciada pela cobertura mais elevada de um deles, com beiral em cimalha trabalhada (f15). O bloco da esquerda corresponde a uma construção assobradada sobre porão baixo, que compreende, em grande parte, o espaço destinado ao salão que antecede a capela. Nele, um correr de seis janelas com vergas em arco pleno mantém esquadrias de guilhotina com caixilhos de vidro (muitas faltantes), com folhas enrelhadas internamente (f16, f17 e f18). O bloco à direita, mais simplório, possui nesta face apenas um pavimento, recebendo o acesso principal, que se faz por um vão mais largo, com portas improvisadas e algumas tábuas fazendo o fechamento da bandeira (f19).



16



17



18



19

Ladeiam-no, pela esquerda um e pela direita cinco, vãos de janelas com verga reta vedadas por esquadrias com guilhotinas em caixilho de vidro, trabalhadas na parte superior por losangos. Essas janelas são interrompidas por uma porta de duas folhas cegas, em verdade, originalmente, uma janela que foi rasgada para dar acesso à sala de visitas (f20 e f21). Este bloco apresenta beiral encachorrado, que contorna todo o perímetro da casa, restando apenas um dos cunhais em madeira.

Na fachada lateral direita, o desnível natural do terreno, contido por arrimo em pedra seca, configura um porão habitável com vãos em verga reta de feitura atual. Há também, nesta fachada, dois blocos distintos com dois pavimentos. Os vãos de janelas superiores do bloco mais elevado, à esquerda, correspondem a quartos, sala de jantar e copa. O corpo da casa com telhado mais baixo, à direita, apresenta parede com janela envidraçada corrida, voltada à cozinha (f22 e f23).

Após a tosca porta de entrada na fachada principal que leva ao vestíbulo (f24), uma escada em madeira leva à sala-nave elevada da capela, à esquerda (f25 e f26).



20



21



22



23



24



25



26

O amplo espaço tem barrado com pintura na técnica *trompe-l'oeil*, imitando mármore (f27) e, ao fundo, portas de quatro folhas dobráveis, envernizadas e almofadas que, com seus quatro metros de altura (f28 e f29), resguardam o espaço reservado ao belo retábulo que recebe ornatos entalhados.

São pinhas, meias colunas caneladas de inspiração compósita e florões com volutas, todos com douramento (f30 e 31), que emolduram a imagem de São Pedro em madeira policromada (f32), locada no nicho em arco pleno com fundo que mantém pinturas ingênuas de anjos. Merece especial atenção o forro em madeira em abóbada de berço. Contígua à capela, lateralmente, fica a sacristia e, em sequência, mais dois quartos abrindo-se para a nave, além de uma alcova interna a um deles. As portas, com bandeira de caixilho em vidro, recebem colorações distintas nas folhas voltadas para cada cômodo.

Constatou-se, através de vestígios observados no forro (f33) e informações dos moradores, que esse corpo da casa mantinha, originalmente, um longo corredor que ia até a sacristia, iluminado pelas janelas voltadas para o pátio, compondo várias alcovas que davam para a sala-nave (ver planta baixa). Existia ainda uma porta de comunicação que levava à antiga tulha, complementando o desenho original da planta em "U".

A casa possui planta atual com o formato de um "L" invertido (f34).



27



28



29



30



31



32



33



34

Para o pátio aberto tem-se as janelas dos quartos no segmento da capela sobre o porão baixo, com seus vãos retangulares de ventilação (f35). Observa-se que apenas em uma janela foi mantida a guilhotina externa em caixilho de vidro, e que a porta, localizada na área de transição, que abre para o pátio, foi uma janela transformada em vão de passagem (f36). Na fachada perpendicular, voltada ao setor de serviço, a primeira janela, próxima ao canto, era uma porta que permitia o acesso direto da sala de jantar ao pátio (f37).

A área de transição possui uma tosca escada de madeira, que configura um outro acesso para a sala-nave da capela, através do quarto junto a alcova. Nesta área do corpo principal da casa, após o vestibulo, um pequeno *hall* interliga dois quartos, levando à sala de visitas, a mais dois quartos e a um outro *hall* de transição. Este interliga outros dois quartos e uma ante-sala contígua à sala de jantar (f38 a f40). A partir da sala de jantar, seguem-se copa, banheiros e cozinha (f41 a f43). Nos fundos, existe uma pequena cozinha para o fogão a lenha (f44), ficando a área de serviço em varanda aberta, ambas com cobertura em telhas de amianto (f45).

A casa é estruturada por maciças paredes de pedra seca. Entretanto, o porão teve suas paredes externas refeitas com alvenaria de tijolo furado e o embasamento em pedra foi emboçado, sendo mantidos os vãos originais. Seu piso ainda é de terra batida e as cercaduras de portas foram abandonadas, junto com a ideia da construção de vários quartos (f46). A estrutura de uma escada em madeira existente ao fundo (f47) denota a ligação direta deste porão com a cozinha (f48), estando, atualmente, vedada pelo assoalho do pavimento superior. Foi observado que outra escada, atualmente inutilizada, também acessava o primeiro pavimento (f49), tendo sua chegada original no atual quarto junto ao espaço de transição e, como evidências, um recorte do assoalho e a porta entaipada neste cômodo (f50), levando a crer que teria sido uma passagem utilizada pelos serviçais no passado.

Quase todo o assoalho da casa é em tabuado antigo de madeira. Na sala de visitas foi trocado por tábuas estreitas. A copa tem piso de ladrilho hidráulico, os banheiros recebem azulejos nas paredes e ladrilho cerâmico no chão. Todo o forro é em madeira do tipo saia-e-camisa, sendo que, na despensa, há o forro em PVC e na cozinha e banheiro próximo, o fechamento é com trançado de taquarão. A estrutura da casa é em gaiola de madeira, com barrotes, madres, pilares e frechais, com fechamento estrutural em pau-a-pique. As paredes têm caiação em branco, o amarelo desbotado da antiga pintura e emboços recentes sem pintura.

O curral de ordenha é de alvenaria e telha de amianto. O velho curral com telhas de cerâmica, de capa e bica, mantém o lajeado de pedra da antiga cozinha.



35



36



37



38



39



40



41



42



43



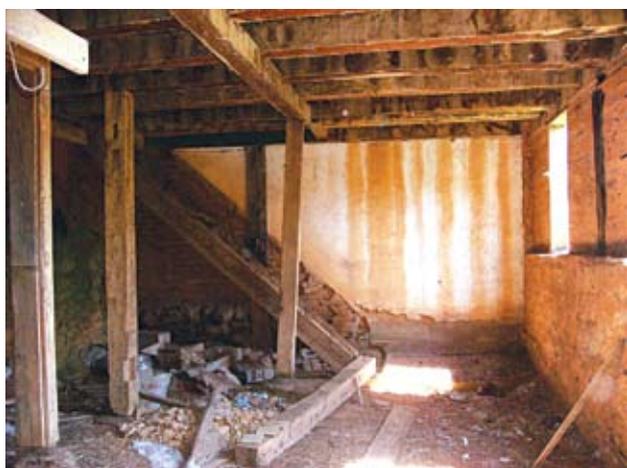
44



45



46



47



48



49



50

A casa-sede apresenta-se com aspecto de abandono, em razão da falta de manutenção e conservação do edifício e dos elementos que o compõem ao longo do tempo. No entanto, sua estrutura permanece sólida, mesmo tendo sofrido, num passado recente, o desabamento das paredes da capela, em decorrência de soterramento causado pela erosão e deslizamento do morro próximo.

Muitas esquadrias estão com partes faltantes, observando-se a deterioração da madeira, como nas janelas da capela, que não possuem mais as bandeiras em leque (f51). As outras, sem a pintura adequada, sofrem com a ação das intempéries. A cobertura, razoavelmente conservada, apresenta algumas falhas, além de telhas corridas junto ao beiral, que se encontra bem degradado (f52).

O assoalho, em geral, está desgastado, observando-se a ação de insetos xilófagos (f53) e recalque nos pisos da sala de visitas e do quarto ao lado. O forro está em estado precário, com sinais de destruição por cupins e de infiltração descendente (f54 e f55). Nas alvenarias há fissuras junto às vergas de algumas janelas (f56), trincas nas paredes que foram erguidas para o fechamento do longo corredor próximo à capela (f57), além da grosseira obstrução de uma janela (f58). Na antessala, pode-se ver a porta que foi cortada e emparedada pelo lado exterior, para funcionar como janela (f59). No acesso principal ao vestíbulo, junto à soleira de pedra, foram feitas rampas de concreto, que indicam o uso indevido do espaço como garagem (ver f19).

A pintura do barrado na sala-nave da capela está desgastada e com descolamento, tendo sido afetada por retoques e pequenas obras civis (f60). O belo forro da capela necessita de manutenção.

Não foi possível acessar o madeiramento da cobertura da casa. Porém, a fiação elétrica inspira cuidados, pois está distribuída sobre o forro, chegando até interruptores e tomadas, aparente, junto aos caixonetes de madeira das portas.



51



52



53



54



55



56



57



58

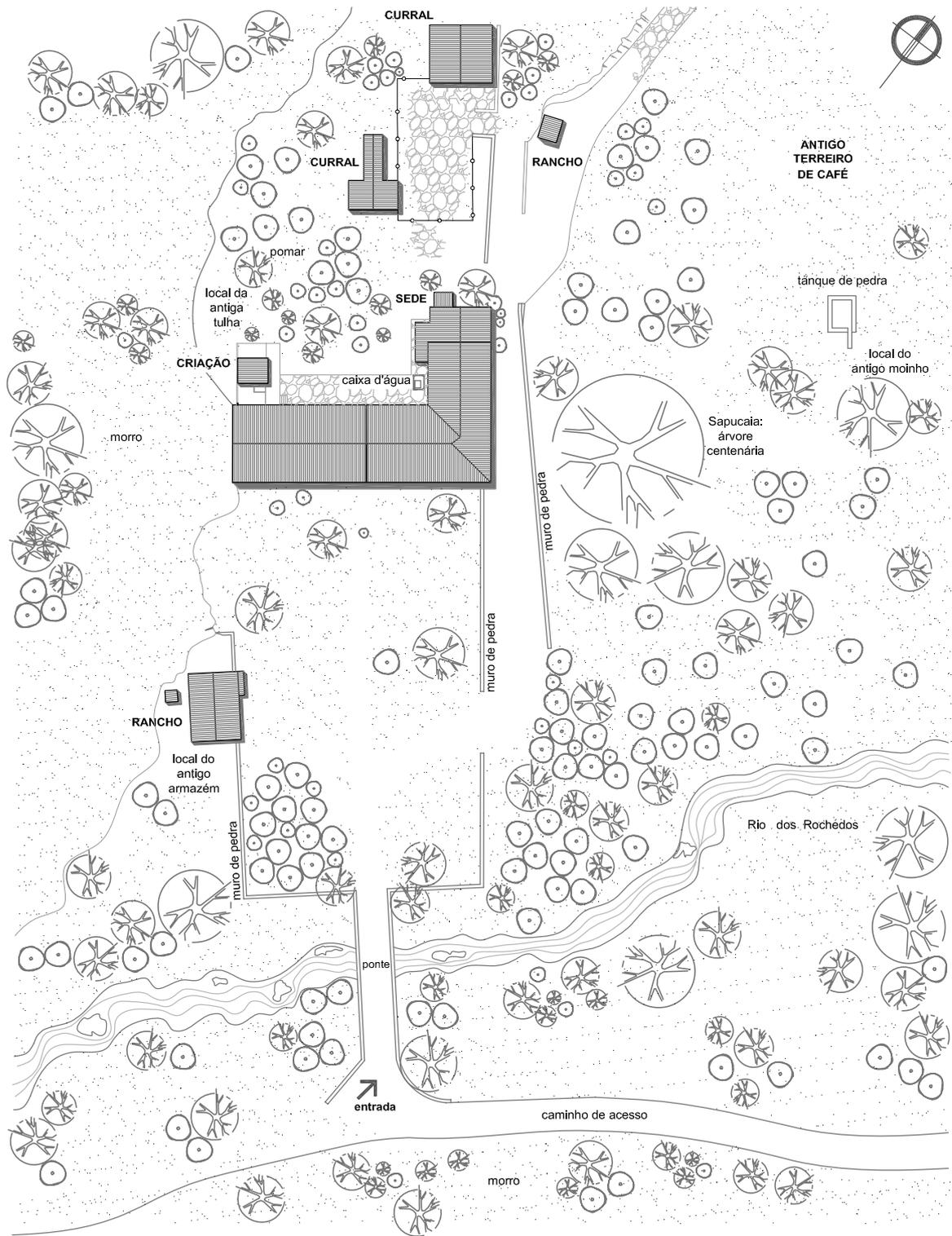


59



60

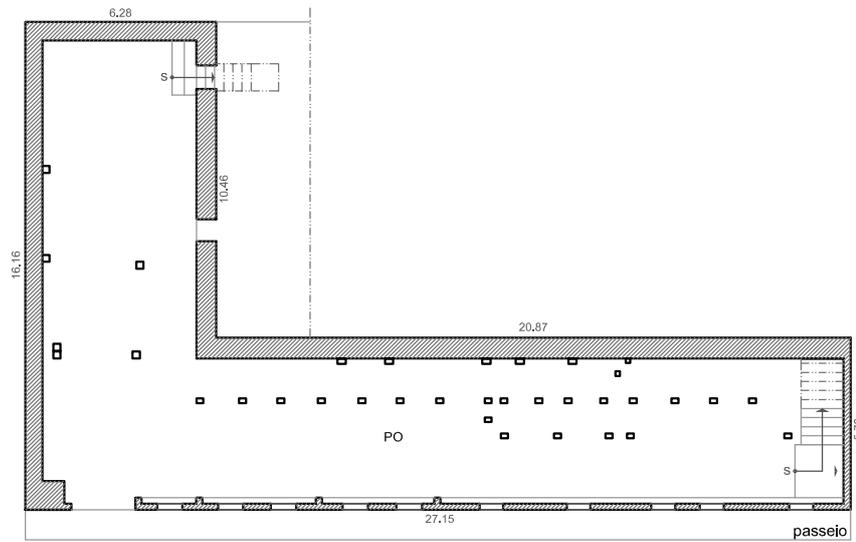
FAZENDA SÃO PEDRO DO ROCHEDO



1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA SÃO PEDRO DO ROCHEDO



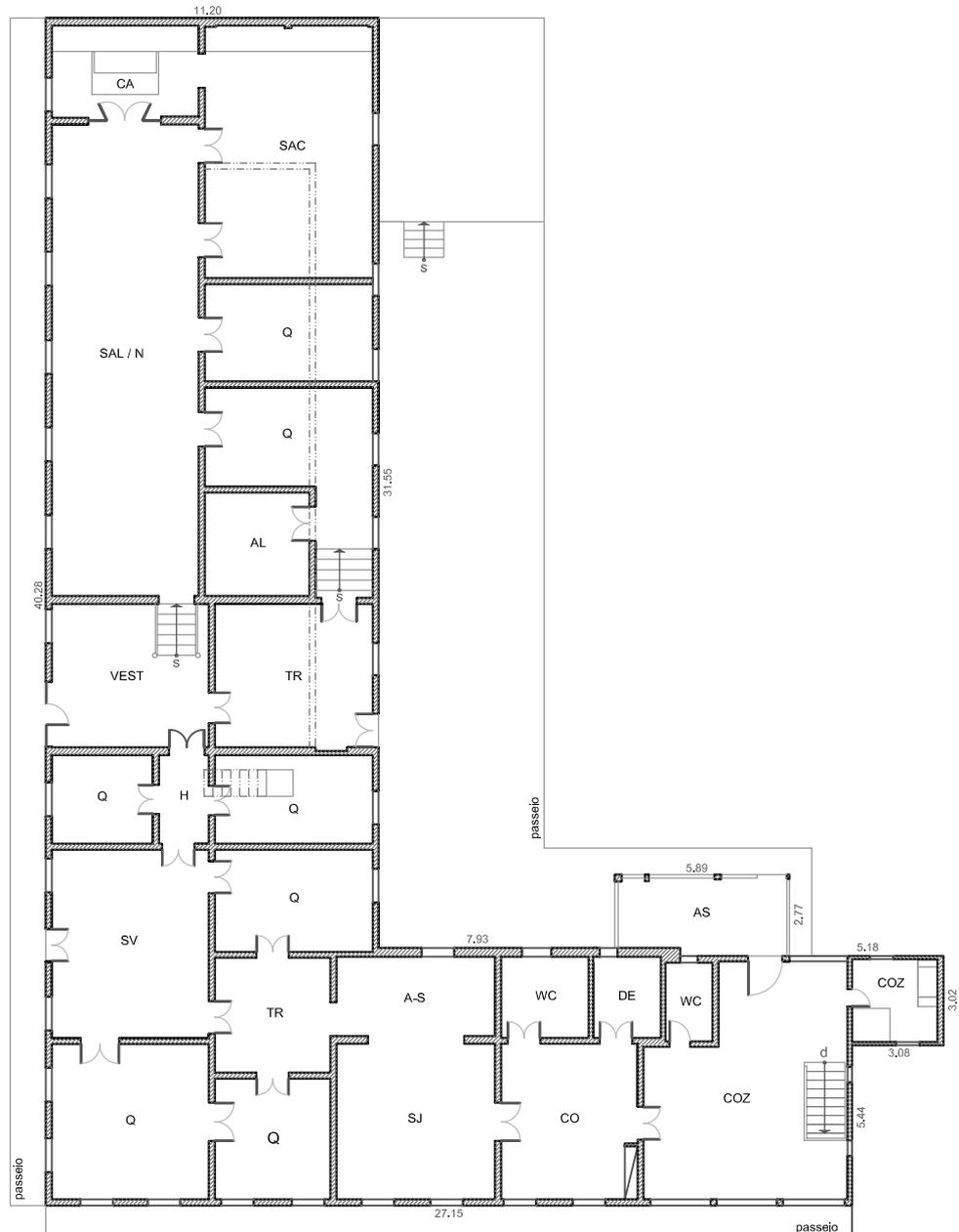
1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/250



PO - porão

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

FAZENDA SÃO PEDRO DO ROCHEDO



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
 escala: 1/250



AL - alcova	CA - capela	DE - despensa	Q - quarto	SAL - salão	VEST - vestíbulo	alvenaria existente
A-S - ante-sala	CO - copa	H - hall	SAC - sacristia	SV - sala de visita	WC - banheiro	alvenaria demolida
AS - área de serviço	COZ - cozinha	N - nave	SJ - sala de jantar	TR - transição		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F26 - Val

3/3

equipe: Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: jun 2009
---	--	-------------------------------	-------------------

Das poucas fazendas de café do Vale do Paraíba¹ que sobreviveram a toda a sorte de agressões e que teimaram em permanecer de pé — algumas mesmo desafiando até seus próprios proprietários para conseguir tal proeza — cada uma registra determinada característica que chama mais a atenção² que marca a sua presença.

São Pedro do Rochedo também tem a sua, que é a ousadia da sua localização e, conseqüentemente, a paisagem que dela se descortina, não sendo difícil imaginar como ela teria sido na época em que os morros ao redor eram cobertos de matas exuberantes ou de cafezais verdejantes que, na florada, cobriam de branco as encostas a perder de vista. Os vários córregos e ribeirões que descem a serra formando várias cachoeiras e inúmeros meandros dão mais encanto ainda à paisagem descortinada.

O complemento “Rochedo” — para muitas pessoas o nome da fazenda — ao seu nome santificado, que por si só já é invocação de altura, já denuncia essa característica especial da propriedade.

Foi implantada quase ao final de uma forte subida para quem vem da fazenda São Fernando, que fica a 10 km às margens do rio Preto. Já a Fazenda São Paulo, também no caminho da serra, fica a apenas 3 km.

Passando por ela e concluída a subida, 2,7 km adiante, encontra-se a bela Fazenda Paraíso; desta, mais 4,3 km à frente, o arraial de Pedro Carlos, e, após mais 6,0 km de poeira, a Vila de Conservatória que, assim, fica a 13 km de Rochedo.

Para implantar a fazenda na topografia comentada, foram requeridos vários recortes no flanco dos morros ao redor, em degraus, e a construção de grossos e altos paredões de pedra, arrimos aos platôs formados, nos quais se assentaram a casa de moradia e as instalações cafeeiras.

O acesso à fazenda se dá atravessando uma ponte de pedra que cruza o ribeirão do Funil, o mais importante que passa por lá³. Aliás, o que não falta por ali são cursos d’água, o que, talvez, dada a sua importância para uma fazenda de café naquela época, talvez tenha sido uma das razões que levaram à escolha daquele sítio para a construção de São Pedro do Rochedo.

O barão de Pouso Alto, Francisco Theodoro da Silva, e seu irmão, Theodoro Carlos da Silva, sobrinhos de Francisco Dionízio Fortes de Bustamante, o 2º guarda-mor do Registro do Rio Preto⁴, receberam sesmaria em Conservatória, em 1817. Essas terras e mais ¼ de sesmaria contígua havida por compra passaram, posteriormente, a um outro irmão deles, o comendador Carlos José da Silva, constituindo a fazenda São Pedro do Rochedo⁵.

No inventário do comendador Carlos José, aberto em 1873, cujo inventariante foi o seu filho Pedro Carlos da Silva⁶, a fazenda possuía 506,25 alqueires geométricos⁷ e, junto com outros bens, totalizavam um monte-mor líquido de 652 contos de réis, quantia considerável, que foi legada aos seus sete filhos vivos.

Quase dez anos depois, em 1882, o testamento⁸ de uma irmã de Pedro, Constança Cândida da Silva, falecida solteira, registrava a fazenda com a mesma área e ainda pertencendo a cinco filhos do comendador Carlos José.

Por volta de 1883, a propriedade era administrada pelo então major José Cesário da Costa, que depois comprou as fazendas Destino e Cachoeira (Santa Zelinda), em Pentagna (antigo Rio Bonito)⁹.

Em 1930, embora com área já reduzida para 350 alqueires geométricos, São Pedro do Rochedo ainda continuava sendo propriedade de porte, pois, segundo Noronha Santos, era a quarta entre as 12 principais de Conservatória e, também, uma das três maiores produtoras de café, junto com São Paulo, a maior, e São Lourenço.

Na época pertencia a Romeu Correa da Silva.

Das antigas construções de serviço da fazenda cafeeira, só restaram parte de um dos terreiros de café, calçado de pedra, que ficava pela frente da casa, e alguns trechos de antigas construções formando ângulo com a casa de moradia, o que parece denunciar a existência do quadrado funcional com o terreiro pelo centro.

A casa-sede, construída no usual partido mineiro de meia encosta criou, na fachada que seria a sua lateral direita e que é vista altaneira da estrada, um porão alto, mas que não era utilizado como parte da moradia. Já a fachada onde fica a entrada da casa, conforme acesso antes comentado, que tem conjugada a ela uma enorme capela, fica ao rés-do-chão.

A casa em formato de um “L” é simples, toda com estrutura de madeira e tapamentos de pau-a-pique, a não ser o alto paredão de pedra dos fundos do porão que corre toda a sua extensão. Este paredão, que é o arrimo do recorte do terreno, possui prolongamentos pelas duas laterais da casa e suporta os dois pátios lá existentes, um deles o que abriga o citado terreiro de café fronteiro a casa.

Na época da visita, ao final de 1992, a casa precisava de uma completa reforma.

A fazenda encontrava-se à venda sendo que a sua área já estava reduzida a 50 alqueires (ver nota 7), ou a 7ª parte da que possuía em 1930 e muito menos ainda do que a área original (506,25).

A grande capela, com seis janelas em arco pleno para o pátio fronteiro, era, sem dúvida, o destaque da casa. O seu piso, por ser alteado em relação ao piso normal das salas e demais dependências da moradia, exigiu a criação de uma escada de madeira com seis degraus, com guarda-corpo e corrimões trabalhados nesse mesmo material, implantada em um dos cantos da sala de entrada. O telhado da capela também era mais alto do que o da casa.

Ao fundo da capela, ficava uma espécie de capela-mor, protegida por uma porta com quatro estreitas folhas, com forro abobadado em madeira, e que guardava o rico e grande altar de São Pedro. Este, com quatro colunas de canto brancas frisadas a ouro, com talha no mesmo tratamento, ostentava no seu último degrau uma bela e

grande imagem de São Pedro em madeira policromada com douração a ouro.

Esta capela seria a mais importante e expressiva dentre as existentes em fazendas vizinhas visitadas na mesma época como: São Paulo, São Fernando, Santa Clara e São Bento, as duas últimas em terras mineiras, todas elas propriedades de grande porte.

A capela era provisionada, como atesta o batizado lá realizado em 1854 de Anna, filha de Adão e Joaquina, escravos do proprietário, o mencionado comendador Carlos José da Silva. Ainda está lá a pia batismal de pedra em que o referido sacramento foi ministrado¹⁰.

Fontes

CALDAS, freira Maria José da Costa. *O clã dos Costa (registro genealógico)*. Rio de Janeiro: 1987.

FERREIRA, Luiz Damasceno. *História de Valença: 1803–1924*. Valença: Edição dos filhos do autor, 2ª edição, 1978.

IÓRIO, Leoni. *Valença de ontem e de hoje: 1789–1852*. Valença: Editora Jornal de Valença, 1ª edição, 1953.

LIMA, Roberto Guião de Souza Lima. ARQUIVO RGSL. Volta Redonda: 1979-2009.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Fazendas solares da região cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, F. A. Noronha. *A Conservatória dos Índios*. Rio de Janeiro: **Revista da Sociedade de Geografia**, Tomo XXXIII, 1928.

¹ É tarefa muito difícil quantificar, pela diversidade de variáveis envolvidas e pelo aspecto temporal, quantas fazendas cafeeiras existiram no Vale do Paraíba, mesmo fragmentando-o pelas unidades administrativas que o compõem: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O advérbio de quantidade POUCAS, empregado no texto, pode ser tomado em sentido absoluto, pois foram poucas mesmo as sobreviventes não descaracterizadas e, mais ainda, em sentido relativo, levando em conta as milhares de fazendas de café que certamente existiram em todo o Vale.

² Naturalmente, algumas poucas de poucas fazendas se dão ao luxo de exibir várias características e outras, que talvez não cheguem a uma dezena, poderiam ostentar a condição de um conjunto quase completo de características, nesse caso incluindo necessariamente o seu entorno e as instalações cafeeiras.

³ Esse ribeirão vai desembocar no rio São Fernando, junto às instalações da Fazenda São Paulo. O rio São Fernando, por sua vez, que já tinha recebido antes as águas do ribeirão São Paulo, também nas terras desta fazenda, cerca de 3km adiante, na localidade de coronel Cardoso, vai desaguar pela margem direita do rio Preto, do qual é importante tributário.

⁴ Ver fazendas São Francisco e Oriente, também incluídas nessa 2ª fase do "Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense".

⁵ Um mapa topográfico das três sesmarias compreendidas na Fazenda São Paulo, de 1851, registra a sesmaria em tela como pertencendo ao barão de Pouso Alto e a seus irmãos, contígua às terras dos Fortes de Bustamante.

⁶ O nome da Estação de Pedro Carlos da Estrada de Ferro Santa Isabel — que ficava perto da fazenda e atendia ao transporte do café não só dela como de outras da região — foi dado em homenagem a ele. A histórica estação, um dos poucos marcos remanescentes da ferrovia, encontra-se em péssimo estado de conservação e à beira da ruína total.

⁷ O alqueire geométrico, ou mineiro, tem uma área de 48.400 m² ou 4,84 hectares, cada um com 10.000 m² (cerca de 1,4 campos de futebol, com 70 m x 100 m).

⁸ O resumo dos testamentos e outras informações históricas foram fornecidos pelo historiador e genealogista valenciano Adriano Novaes.

⁹ Uma neta do major Cesário, a freira Maria José da Costa Caldas, conta que ele era muito amigo do Dr. Pamplona, engenheiro famoso, na época dono da vizinha Fazenda São Paulo, e que costumava cavalgar até os limites de Rochedo para conversar com ele.

¹⁰ Segundo Anna Maria Slobada Cruz, historiadora de Barra do Pirai, o batizado ocorreu em 22 de dezembro de 1854, no Oratório de São Pedro, da Fazenda dos Rochedos. Foi celebrante o vigário Venâncio Lins Telles Barreto, e foram padrinhos Francisco e Isabel, também escravos do comendador Carlos José.